

## Entrevista com Affonso Romano de Sant'Anna

### 1.

Claro que perversão sempre existiu nas diversas culturas, mas agora parece estar ocorrendo uma exacerbação que merece análise. E uma análise disto pode ser feita através da arte de nosso tempo. Primeiro é preciso entender que a arte é sintoma, o grande sintoma, sintoma exemplar, a partir do qual se pode analisar nossa época. Vivemos um tempo em que a arte, sobretudo as “artes plásticas” se apresentam (sintomaticamente) como um doente terminal. E ao dizer isto estou retomando o que apontei em dois livros recentes “Desconstruir Duchamp” (Ed. Vieira&Lent) e “Que fazer de Ezra Pound” (Imago) e reafirmando que é preciso uma intervenção transdisciplinar para compreender essa questão, pois ela se apresenta como algo tão rico e complexo, que um ramo só do conhecimento não dá conta do diagnóstico. A um doente terminal deve se lhe trazer uma equipe de especialistas.

Neste sentido a psicanálise tem muito a nos dizer. Exemplifiquemos.

Desde os anos 70 do século passado veio se intensificando e se expandindo na arte, um tipo de comportamento (ritual, performance, happening) explorando, às vezes, o lado sádico e masoquista da existência. O “teatro da crueldade” a que se referia Artaud, parece ter chegado ao seu paroxismo. Isto vai desde obras/espetáculos onde, por exemplo se incendeia uma galinha, fatia-se um boi, tortura-se um inseto, até a utilização do corpo humano em cenas de mutilação. Assim, num festival de arte na Colômbia, exercitando a “body art” o artista Pierre Pinoncelli cor-

ta a falange de um dedo da mão esquerda. Noutra ocasião, outro artista Rudolf Acwarzkogler anunciou amputar o pênis polegada por polegada (descobriu-se depois que havia praticado uma fraude). Por sua vez Cris Burden pede que lhe dêem um tiro de espingarda no braço passando a exibir as marcas como lembrança da obra. Não posso deixar de citar a figura de Orlan, mulher que se especializou em ser operada e filmada, e em transformar todas as cirurgias, digamos, estéticas, em obra de arte.

Por sua vez a performática Marina Abramovic, em 1972, apresentou a obra "Ritmo 0", que consistiu em ficar parada junto a uma mesa sobre a qual havia alguns objetos: uma arma, um machado, mel, tinta, perfume, baton, azeite, etc. Ela ficava ali exposta e à disposição dos expectadores que tinham num cartaz orientação de como atuar naquela obra de arte: "há 72 objetos sobre a mesa que podem ser usados em mim conforme desejado. Eu sou o objeto". Como noticiou a imprensa, "seis horas depois suas roupas haviam sido rasgadas e a arma tinha sido apontada para sua cabeça". Assim ela apenas radicalizou outra performance quando, certa feita, passou 12 dias na Sean Kelly Gallery totalmente exposta à curiosidade do público enquanto passantes, bêbados, operários curiosos viam todas as suas intimidades. O mecanismo de justificação de seu comportamento/obra é revelador e dispensa comentários: "Você não pode imaginar o quanto eu chorei naquela performance. Essa tristeza vem porque eles projetam a sua própria tristeza em mim e eu a reflito de volta. E eu chorava de forma mais triste, para que eles fiquem livres."

Poderia ir me alongando em outros exemplos, porque falam mais fortemente. Lembro a utilização de cadáveres e fetos. Enquanto o canadense Richard Gibeson fez brincos com ossos de fetos de três meses, o canal 45 na Inglaterra apresentou um programa com o título "Autópsia ao vivo", no qual, em torno de uma mesa, o professor Gunther von Haggens e seus assistentes retalhavam um cadáver. Iam tirando as peças do indigente, comentando o estado do fígado, pâncreas, massa encefálica etc. Esse Haggens descobriu um método de plastificar os cadáveres e realizou algumas exposições com esses seres mortos que passaram por esse processo (pós-moderno) de mumificação. Aí havia gente com o ventre aberto, fetos, animais pela metade, enfim, aquilo que se chama de "mu-seu de horrores".

Diria que num estudo mais abrangente se poderia ir classificando as diversas perversões, agora relacionadas com o material usado, como por exemplo:

a) Esperma - Duchamp se masturbou e o esperma que caiu numa chinela virou obra de arte hoje num museu. Vito Aconti, ex-marido de Marina Abramovic montou numa galeria uma instalação chamada "Seedbed", que consistia em que ele ficasse sobre um estrado se masturbando durante oito horas por dia, durante duas semanas, dizendo em voz alta todas as fantasias que os assistentes lhe despertavam.

b) Sangue - Pollock deixou gotas de sangue em seus quadros violentamente pintados enquanto o escultor inglês Marc Quinn fez a escultura de uma cabeça humana com sangue humano. (A escultura acabou se derretendo pois alguém se esqueceu de mantê-la na geladeira. Parece que depois a refizeram). Artistas mulheres também usaram o sangue menstrual em algumas obras. E Michel Journiac fez uma hóstia com seu próprio sangue. E na Feira Internacional de Arte Contemporânea, em Paris, em 1975, a performance de Herman Nitsch, patrocinada pela galeria Rodolf Stadler, consistia numa série de missas negras. Resultado: no dia seguinte ainda havia 2cm de sangue sobre os 250 metros da galeria.

c) Fezes & urina - desde os tempos de Kurt Schwitters, nos anos 20 do século passado, suas obras chamadas de Merz, acumulavam restos e lixos com urina e merda. Ele chegou a declarar: "Sabem vocês o que é a arte? Um pavilhão de merda, isto é que é a arte". Andy Warhol declarava, para efeito de marketing, que usava a própria urina como fixador de seus trabalhos. Não estranha que nos anos 60 Manzoni tivesse produzido 30 latinhas contendo a intitulada "Merda do artista", que ele pedia fossem sempre negociadas ao preço do ouro no mercado. Em 2002 uma dessas latinhas foi comprada pela Tate Gallery por quase um milhão de libras. E uma polêmica provocada pelo publicitário Saatchi, em Nova York, derivou do fato do pintor patrocinado por ele - Ofili, ter usado cocô de elefante numa pintura da Virgem. Por sua vez, o artista André Serrano apresentou um Cristo imerso em urina.

A psicanálise dispõe de instrumentos para estudar esses comportamentos e obras. E há algo mais complexo, mas que tem que ser enfrentado: em que momento o estético e o artístico sucumbem diante da supremacia da perversão, do exibicionismo, do narcisismo autoflagelador ou em exercícios sado-masoquistas? Em que momento a perversão se torna elemento dominante e o estético passa a ser secundário e até ausente? A crítica de arte tem se acovardado diante dessa questão e caiu na armadilha teórica de que as categorias "artístico" e "estético" não mais existem. O pensamento crítico está intimidado e acha-se encurralado desde que aceitou o sofisma duchampiano de que é arte tudo aquilo que alguém

chama de arte. Um enfoque transdisciplinar como o que apliquei em "Desconstruir Duchamp" mostra a falácia daquele pensamento e nos possibilita perceber melhor a ambigüidade entre perversão e criação artística.

## 2.

Aqueles exemplos anteriores desembocam automaticamente na questão da transgressão tanto social quanto artística. Já nos anos 60 e 70 surgiram vários ensaios enfrentando a questão das rupturas sugeridas pela modernidade, que chegaram a um impasse: a ruptura da ruptura, onde os termos se anulam, como a cobra que devorasse o próprio rabo. A ruptura pela ruptura leva ao caos e não aos cosmos. Anular todos os códigos é anular a linguagem e a mensagem, é inviabilizar a vida social e retornar à barbárie, à horda primitiva. Ruptura como atitude viciosa aproxima-se do vazio e da morte.

Tanto a arte quanto a educação e a prática social e política, no século XX, conheceram as armadilhas da transgressão. Testemunhamos as aporias a que chegaram as vanguardas não só ao se depararem com o "branco sobre o branco" de Malevitch, mas até mesmo na patética história do pintor japonês que colocou uma tela sobre o passeio e se atirou de cima de um edifício imprimindo seu suicídio nessa tela como o seu último e definitivo trabalho. Aqui a transgressão não é mais simbólica, mas o limite da transgressão física e metafísica.

Também na educação (quem não se lembra de "Summerhill"?) e na vida sócio-política (as inúmeras revoluções), experimentamos todas as formas de transgressão. Com efeito, a formação tanto do sujeito, do artista quanto a de um país pressupõe um processo de individuação, de autoafirmação onde são testados os limites do sistema. Enquanto conhecimento dos limites possíveis da liberdade, a transgressão é parte natural do amadurecimento do indivíduo ou do sistema. Há que transgredir até mesmo para se conhecer melhor as regras e a si mesmo. Contudo, chegou-se a cultivar a transgressão de tal forma que a transgressão passou a ser a norma, a regra, a palavra oficial. Por isto, não estranharia se criássemos o "Museu da Transgressão", tanto ela foi oficializada, perdendo sua força original. Hoje os transgressores entraram para a história da arte, os guerrilheiros chegaram ao poder, mas sobretudo os "marginais" estão no "centro", localizados em todas as instâncias a ponto de o tráfico de drogas, por exemplo, alardear por seus porta-vozes que "está tudo dominado".

Portanto, é necessário tirar o toque romântico ingênuo desses termos “transgressor” e “marginal”. Nos anos 60 eram uma coisa, quarenta anos depois, outra. Estão aí os depoimento dos ex-guerrilheiros. Estão aí os depoimentos dos músicos que se entregaram às drogas nos anos 60 e 70. Não posso me esquecer da carta de uma leitora, a propósito da crônica “Nós, os que matamos Tim Lopes”, onde ela me relatava que com seu namorado, nos anos 70, enquanto drogada, viciada e traficante, testemunhou horrores semelhantes aos narrados na história daquele jornalista. E hoje tentando passar alguma experiência para a filha, ela, que foi ao fundo do poço, era vista como “careta”, pelo simples motivo de querer estabelecer um ou outro limite na vida da adolescente.

Transpondo isto para o lado artístico, lembro-me sempre de Manuel Bandeira me dizendo (quando o procurei adolescente ainda com uma série de poemas muito modernos), perguntando-me se tinha algum soneto. Quem não conhece a tradição não tem condições de transgredir. Como dizia Mário de Andrade é preciso conhecer gramática para poder desrespeitá-la, mas sabendo o que se está fazendo.

Nisto tudo está a questão da ética. Vivemos numa sociedade, onde como o disse Jean-Claude Guilhebaud, em “A reinvenção do mundo” (Ed. Bertrand Brasil), falar de ética soa logo como algo conservador. E, no entanto, estamos falando apenas de sistêmica, ou como quer certo ramo da epistemologia contemporânea, de paradigmas. E paradigmas existem em todas as manifestações vivas e sociais. Sem eles é o caos e a morte.

Foi Nathalie Heinich quem mais sistematicamente estudou e exemplificou a questão da ética dentro das aporias da arte contemporânea, enquanto reflexo das perplexidades que vivemos. A questão básica lembra aquele filme “Cidadão acima de qualquer suspeita”. Pode-se indagar: é o artista um personagem acima de qualquer ética? Pode ele, como um bebezão, fazer o que bem quer, quando quer, com quem quer? Na verdade, é como se concebêssemos um sistema onde todos os elementos obedecessem à lei da gravidade, menos um, o artista. Estabeleceu-se que ele é uma categoria enlouquecida, solta no tempo e espaço sem nenhuma pertinência consigo ou com o sistema.

É assim, que Nathalie lembra complexos problemas de liberdade de expressão em conflito com os direitos alheios. Como exercício das questões de ética, pode-se indagar, por exemplo, sobre as consequências sociais e éticas de se manipular debochadamente símbolos cristãos, nazistas, judeus e islâmicos. A questão da ética e da transgressão esbarra até mes-

mo nos limites da Lei e do Direito. E aí é que as questões estéticas, deixam de ser só estéticas para serem éticas e sociais.

A estética moderna que levou ao extremo a técnica da “apropriação” tem sérios problemas a resolver, que escapam à estética ou à arte, provando, de novo, que a arte não é uma categoria solta no tempo e no espaço. Surgem, então, artistas como Tony Shafrazi que ficaram conhecidos por vandalizar obras alheias como a “Guernica”, outros que foram processados por reproduzirem ou se apropriarem de obras alheias sem autorização ou, até mesmo, o caso sintomático de Hervé Paraponaris que fez a exposição intitulada “Tudo aquilo que roubei de vocês”, onde expôs objetos roubados de pessoas e artistas conhecidos seus. Muitas das vítimas não gostaram, chamaram a polícia e a questão que se pretendia artística foi parar nas mãos do Ministro da Justiça francês.

A quem acha que a liberdade deve ser sem limite e que ao artista tudo é permitido, poder-se-ia propor uma questão a resolver: e se um artista decidisse dentro de seu contínuo de processo de transgressão que o estupro é uma obra de arte, o que fazer se ele levasse uma menina a uma galeria e, numa performance, a estuprasse? Pode ser o estupro considerado uma obra de arte? E se um outro artista levasse a filha a um museu e a violentasse na frente de todos alegando que o incesto é uma obra de arte?

Talvez alguém, confirmando que voltamos à barbárie e à horda primitiva, diga que isto deve ser admitido. Mas se alguém ponderar, que isto não é admissível, é sinal de que se está já colocando algum limite. E colocar algum limite é a grande audácia em nossos dias. Por isto, é necessário retomar uma frase que tinha muito charme nos anos 60: “é proibido proibir”. Eis uma frase ingênua e perversamente autoritária. Tão totalitária quanto “tudo é relativo”, que é uma frase, a rigor, absolutista. Por isto, depois de termos chegado aos limites máximos da transgressão, aproveitando um slogan ambíguo de um artista francês, o desafio hoje é encerrar essa frase: “É legal dizer não”.

### 3.

Não sei se as “novas sexualidades” são tão novas assim. Elas já estavam em Pompéia, estavam na Grécia e em muitas tribos primitivas. Nosso olhar curto tende a achar que a história começou conosco ontem. Estamos com a mania que a história começou nos anos 60 do século passado. E a visão está ficando tão curta, que agora é tudo definido por décadas: a moda, a literatura, o comportamento sexual.

Entrevista com Affonso Romano de Sant'Anna

O que talvez se devesse discutir é como a globalização, a mídia e o capitalismo selvagem estão transformando os indivíduos em objetos, sujeitos desterritorializados, esvaziados de qualquer significado histórico, realidade que encontra respaldo nas teorias pós-modernas que pregam um ingênuo e predatório desconstrutivismo, que tem seu charme acadêmico, mas que acaba por endossar as tragédias sociais, pelo receio de traçar limites, ainda que dialéticos e estratégicos.

Na sociedade do espetáculo, da superficialidade, do Big Brother, dos 15 minutos de fama, da mistura entre o público e o privado, do consumo alucinado, do flash e da droga, nessa cultura, o sexo transformou-se mais que nunca em mercadoria e, como mercadoria, das mais banais. E é como sintoma que esse fenômeno deve também ser considerado. Uma coisa é o direito de expressar a sua sexualidade e outra a conversão disto em simples mercadoria espetacular.

**Affonso Romano de Sant'Anna**

Poeta, crítico, cronista. Autor, entre outros livros, do ensaio "O canibalismo amoroso" (Ed.Rocco).

e-mail: santanna@novanet.com.br